

Torre das cabeças, em Zerbi (Africa).

A ilha de Zerbi, ou ilha dos Lotophagos, no Mediterraneo, sobre a costa do reino de Tunis, é separada do continente por um canal que apenas tem n'alguns pontos a largura de 19^m,80. No centro da ilha eleva-se um arco de triumpho muito bem conservado, que foi construido em honra do imperador Antonino e de seu collega Verus. Na ilha de Zerbi, vê-se o triste monumento do qual damos a gravura; é uma especie de pyramide de 9^m,90 de altura, edificada com as cabeças dos hespanhoes que pereceram no combate que sustentaram em 1558, sob o commando de Medina Cœli e de André Doria, contra os ottomanos, cujo exercito era commandado por Cara Mostapha. A população da ilha de Zerbi, muito consideravel, está dispersa por muitas aldeias e logarejos, a pouca distancia uns dos outros. O mercado está estabelecido proximo do porto, junto do qual ha um velho castello a que dão o nome de Menqs, ou Menagnès, denominação que se approxima da de Meninx, que era o antigo nome da ilha. Os zerbinos fallam duas linguas: o arabe e o chilon. Passam por ser avaros tanto em Tripoli como em Tunis, e tratam-n'os como seismaticos, por serem sectarios d'Aly; o que é verdade, porém, é que ultimamente tem dado provas de que são muito doces e hospitaleiros.

LENDAS DO CHRISTIANISMO

I

S. Patricio

A vida de S. Patricio, apostolo da Irlanda, tan-

to na sua doce simplicidade como aformoseada pelas lendas de que a rodeia a tradição irlandeza, é uma das mais bellas que se encontram na hagiographia christã. A existencia campestre dos povos que habitavam a verde Erin, as formosas paizagens d'essa terra a que os seus filhos dão o nome de *Esmeralda do Oceano* pela verdura eterna que lhe matiza os campos, a poesia dos seus bardos, poesia pagã, que primeiro combate a nova doutrina a poesia do Evangelho, e que este depois acolhe no seu grémio, purificando-a e doirando-se com um reflexo do seu vetusto esplendor, tudo contribue para fazer da historia do santo um dos mais bellos poemas de que se gloria a tradição christã. Um zeloso cultor da antiga poesia celtica, o visconde Hersart de la Villemarqué, membro do Instituto francez, que tem consagrado a sua vida inteira ao estudo da poesia druidica e christã dos povos da raça celtica escreveu com o nome de *Légende celtique* um livro em que juntou a vida legendaria de S. Patricio, apostolo dos Irlandezes, de S. Kadok, apostolo dos bretões cambrianos, e de Santo Hervé padroeiro dos cantores populares da Bretanha. Tomando por guia esse bello estudo de Villemarqué, e consultando a *Confessio S. Patricii* na magnifica colleção Boilandiana, tentaremos dar aos nossos leitores uma idéa d'este formoso poema christão tão singelo, tão doce, em que tão facilmente se entrelaçam os milagres da religião evangelica e das tradições da velha poesia celtica, em que, para dizermos tudo, a lenda, venerando quasi com o mesmo amor o apostolo do novo culto e o bardo symbolo da antiga poesia, põe S. Patricio em presença d'Os-

sian, dá ao santo christão a harpa dos cantores celtas e curva a fronte do velho e cego poeta debaixo das aguas regeneradoras do baptismo. Tocante scena em que a religião de Jesus, doce e indulgente, santifica, em vez de repellir, as tradições d'um paganismo inoffensivo, e em que a poesia estranha d'esses povos primitivos orna o psalterio christão com uma grinalda de flores agrestes, deixada cair da harpa d'ouro, onde se enlacava.

I

Em 387 nasceu na Gallia, á beira do Oceano, uma criança romana que tinha de ser S. Patricio. No sitio onde se levantou depois a cidade de Boulogne-sur-mer erguia-se uma fortaleza que vigiava as margens fronteiras da Britannia e o oceano sulcado já pelos navios dos barbaros piratas. Ao lado da fortaleza resplandecia um pharol que indicava o porto aos barcos, acossados pelo temporal. O nome d'essa fortaleza, em torno da qual se aninhava um grupo de habitações, era em latim *Tabernia* em celtico *Bonauen Arimorik*. Os Gallo-Romanos, transplantando para a lingua dos seus novos dominadores, lingua que haviam adoptado, o velho nome d'esse sitio chamavam-lhe *Bononia-Oceanasio*, d'onde vem, como facilmente se percebe, o nome francez de Boulogne-sur-mer.

Alli habitava, governando a um tempo a fortaleza e o pharol, um antigo decurião romano por nome Calphurnius. Esposo d'uma formosa gauleza, tinha cinco filhas e dois filhos, um dos quaes era Patricio.

Quiz o acaso que este decurião romano, isolado nas margens do Oceano procelloso, pertencesse ao christianismo, religião então já quasi triumphante, Patricio recebia por conseguinte o baptismo á nascença.

A lenda não podia deixar de estender sobre a criança predestinada, logo no berço, a translucida sombra das suas azas brancas. Dizia que uma pedra, em cima da qual fôra Patricio collocado, erguera-se por si, como uma columna, e que Deus a essa pedra dera o sentimento do bem e do mal, porque vertia lagrimas quando mão perjura lhe poisava em cima.

Não parando aqui, a lenda accrescentava que a terra, para testemunhar o seu jubilo, rasgára o seio e fizera brotar uma fonte d'aguas crystallinas, que, depois de servirem para lavar a criança, ficavam com a virtude de curar diversas enfermidades. A christandade rodeia de prodigios o berço dos santos, como Tito Livio queria que se fizesse ás cidades e aos grandes homens para lhes nobilitar a origem.

Da mesma forma que Santo Agostinho, S. Jeronymo e outros bemaventurados celebres, não atravessou Patricio incolume a era profundamente corrompida em que veio ao mundo. O luxo e a devassidão da Gallia Romana competiam com o da propria capital do imperio, e Patricio escoregou nos tremedões de que se via rodeado. A propria fé não se salvou no naufragio. D'esses erros de juventude mostrou-se Patricio depois profundamente afflicto.

Na desgraça retemperaram-se, como sempre, a fé e a virtude do desvairado christão; uma esquadra de piratas irlandezes salteiou as praias bolonhezas e arrasou a fortaleza. No combate

morreram Calphurnius e a maior parte da sua familia; Patricio sobrevivente foi captivo na frota, e, quando chegou a Irlanda, foi pelos piratas vendido a um pequeno chefe do Ulster, chamado Milhu.

Encarregado, entre o resto da escravaria, de guardar os porcos, Patricio soffreu o que soffre um homem que desaba do luxo na miseria, da civilisação na barbaria, da liberdade na servidão. Em vez da purpura e linho alvissimo dos romanos, vestia agora apenas o saião grosseiro, e as torturas d'essa nudez quasi completa eram as que mais o punham. A fome e os maus tratos aggravavam-lhe os padecimentos. Os costumes barbaros d'essa população selvagem irritavam os seus instinctos d'homem civilisado; via-os lavarem-se no sangue dos seus inimigos, devorarem os velhos, sacrificarem os seus proprios filhos nos altares de sanguinarios deuses. A sua alma, comprimida até ao embrutecimento por estes espectaculos aviltantes reagiu enfim com um supremo esforço d'elasticidade, e procurou no christianismo, na religião da sua infancia, a fortaleza e a consolação.

É ao seu anjo da guarda, ao anjo vencedor como elle lhe chama, ao anjo Victor que depois os Irlandezes transformaram em santo, para o fazerem seu protector especial, que Patricio diz dever essa regeneração sublime. Absorto na prece, enlevado no extasi, as dores physicas e moraes desapareceram desde então para elle.

A caridade christã succedeu ao resentimento do escravo, e ao povo, que elle só com odio considerava, começou-o d'ahi em diante a contemplar com amor compassivo. A idéa de o attrahir ao christianismo não lhe desamparava o espirito, e o seu anjo da guarda, diz elle, logo lhe veio indicar um meio de salvação. Em sonhos lhe disse que um navio estava ancorado na praia. Sem saber o caminho dirigio-se ao acaso resolutamente, e á praia foi dar enfim.

«Sustentado pela virtude do Deus, que me guiava, dirigi-me á praia sem o minimo sentimento de terror, e cheguei á vista do navio que me apparecera em sonho. N'esse momento fazia elle uma manobra que o approximava de terra, e, podendo ser a minha voz ouvida por aquelles que o tripulavam, pedi-lhes que me recebessem a bordo, mas o meu pedido desagradou ao capitão, que me respondeu com desabrimto. «Não te receberemos a bordo». A estas palavras affastei-me, e, retomando o caminho da pequena cabana que habitava, comecei a rezar. Ainda não estava acabada a minha reza, quando ouvi um dos marinheiros a gritar atraz de mim com voz forte: «Volta depressa, que estes homens chamam-te.» Voltei por conseguinte para elles, que me disseram «vem, já que te encontramos e tiveste fé em nós, faz sociedade connosco segundo os teus desejos.»

•E entrei a bordo; mas elles não me tinham dito: «Vem pela fé de Christo», porque eram pagãos.

«Eis o modo como me acolheram, e logo nos fizemos ao largo.

«Depois de tres dias de navegação desembarcámos na Bretanha; e durante outros vinte e sete dias, tivemos que atravessar sitios desertos onde não podemos encontrar nem uma gota d'agua para beber, nem um bocado de pão para

comer. Morriamos de fome, e diz-me o capitão: «Então, christão, tu que dizes que o teu Deus é grande e poderoso, por que não lhe pedes por nós? Roga-lhe que nos dê de comer, porque senão morremos».

«Eu respondi-lhes simplesmente: «Voltai os vossos corações para o meu senhor e o meu Deus. Nada-lhe é impossível, com effeito, e pôde hoje, se quizer, fazer-nos encontrar o sustento necessario, porque o tem por toda a parte com grande abundancia».

«Foi o que succedeu com a ajuda de Deus: vimos dirigir-se para nós pelo caminho que seguíamos um grande rebanho de porcos, e os meus companheiros, tendo parado para os matar, fartaram-se com elles durante duas noites».

«Desde esse momento, já não olharam para mim senão com vistas admiradas. Eu dei graças a Deus do fundo do coração».

«Acharam tambem n'uma arvore mel sylvestre de que me offereceram um favo; mas, tendo dito um d'elles: «Isto é consagrado aos Deuses, agradeçamo-lho», não-lhe quiz tocar».

Como é simples e ingenua esta fé tão viva! Adormeceram os marinheiros na praia, ao som do vento bramidor e das vagas que vinham quebrar nos rochedos. O somno de Patricio era agitado, imagens palpaveis lhe mostravam no somno a difficuldade de converter tão endurecidos pagãos, mas chamava em seu auxilio Christo, e Christo dava-lhe a victoria.

Não tardou a desgraça a perseguil-o: captivo de novo por corsarios bretões, recaiu na escravidão de que o livraram christãos gaulezes que o reconheceram. Livre, foi procurar um ultimo parente da sua familia que era S. Martinho de Tours Morrera. Patricio entrou então no convento de Lérins, onde se preparou por fortes estudos para o apostolado que sonhára.

Vendo o ardor do moço christão, Germano bispo d'Auxerre, que a Igreja venera com o nome de S. Germano l'Auxerrois, levou-o consigo, a missionar em Bretanha. A Bretanha, em parte pagã, era em parte heretica, seguindo as doutrinas de Pelagio. Germano e Patricio tinham de combater a um tempo os recalcitrantes e os dissidentes. A lenda celebra a estada de Patricio na Bretanha, contando um milagre produzido pelo anathema que fulminou sobre um chefe perseguidor. Estava este á mesa rindo do anathema, quando o seu bardo, que entoava os seus louvores em harpa d'oiro, tomou de subito e involuntariamente um tom prophético e sinistro. Presagiu-lhe morte proxima, e veiu a morte fulminante precipital-o do throno.

Mas os tempos approximavam-se, e uma voz irresistivel impellia Patricio a ir missionar na Irlanda. Tomou o bordão deromeirô, e foi a Roma pedir a benção do papa Celestino. A lenda acompanha-o ás resplandecentes margens do mar Tyrrhenio. Voltando de Roma, dizem as tradições que Patricio encontrou uma familia, que vivia em paz christã, mas onde, por notavel singularidade, eram os pais os moços, e os filhos os velhos. Christo visitára aquellá familia e dera aos effes um cajado que tinha o dom de conservar a juventude eternamente. Assim tinham ficado sempre na flor da mocidade, enquanto os filhos iam percorrendo o triste caminho da vida humana. Esse cajado guardavam-n'o elles para o darem a

um estrangeiro, que da parte de Deus tinha de vir. Esse estrangeiro era Patricio.

A lenda agora não o desampara. Voltando á Gallia, encontra um bardo irlandez que á sua patria volta. «Procura uma fonte crystallina, lhe diz elle, e ahí ergue uma residencia. — Como hei de conhecê-la? perguntou o bardo. «Quando esta campainha, que te dou, vibrar por si um som argentino e claro, pára». Chegado á beira da fonte marcada, a campainha tintinou espontaneamente, e ao som miraculoso agruparam-se alli os povos do arredor. Era S. Kieran (porque foi depois canonisado) o João Bypista d'este Christo da Irlanda.

Passando pela Bretanha, encontra dois camponezes pelejando com indescriptivel odio. Quer acalmal-os «Seria tão difficil, responde um d'elles com o rosto allogueado, estabelecer paz entre nós, como fazer com grãos d'areia uma pyramide». Patricio traça um circulo com o cajado de Jesus, e os grãos d'areia, agglomerando-se, constituem uma pyramide magnifica. Dizem que ainda existe na Irlanda, revestida de folhas d'oiro. «É que os irlandezes, diz Villemarqué (1), doiraram as mais simples accões caridosas do seu missionario».

Quando chega á Irlanda precede-o um indiscriptivel terror. Os reis tremiam como que esperando um cataclismo, e os druidas pavidos cantavam nos seus templos mysteriosos: «Chega o homem de fronte coroadá, a travez do mar procelloso, com os seus vestidos rasgados, o seu bordão recurvo, e a mesa que ha de erguer no fundo da sua residencia, para o lado do oriente; e todos os seus lhe responderão: «Assim seja! assim seja!»

E é Patricio quem chega, o homem simples, o homem da paz e do amor.

II

Os milagres accumulam-se. Aqui um gigante é convertido, além um velho recobra a mocidade, um joven chefe a um tempo a belleza e a elegancia. Além a lenda, voltando a colher uma flor agreste nas velhas tradições irlandezas, assume na verdade um tom grandioso. Dorme ha seculos um antigo guerreiro no seu tumulo gigante; Patricio, que ama as vetustas historias das pelejas que os bardos cantam com a sua voz sonora, lamenta que esses homens briosos não conhecessem a fé de Christo, e com o seu bordão sagrado traça uma cruz na loisa. Quebra-se a pedra tumular, e surge fóra o cadaver envolto na mortalha; a agua lustral do baptismo purifica-lhe a fronte descarnada, e o esqueleto cae de novo no repouso eterno, mas com um doce bem-estar porque a sua alma, pela virtude das aguas refrigerantes, saio do limbo onde jazia.

«Era tal o amor de Patricio pelos irlandezes, diz ainda Villemarqué, que chegava a resussital-os para os salvar».

Num vehiculo puxado por dois bufalos de immaculada alvura, corria Patricio os campos, convertendo e salvando. A infancia voava para elle attrahida pela sua graça ineffavel, não resistia a avareza á sua palavra doce; dos bandidos fazia santos como succedeu a S. Maktil, que a Igreja de Irlanda venera, e que foi ao principio um

(1) *Legende celtique*, pag. 38.

sanguinario salteador. Debalde os druidas accumulavam contra elle os encantamentos, todos os dissipava a sua fé singela. Vae converter duas filhas do rei Laégair, a candida Ethnéa e a rosada Fethlena, e os druidas forcejam por impedir o. Atravessa o seu vehiculo uma floresta consagrada aos mysterios d'essa religião de horror. Eis que o céu escurece, ruge o trovão, cruzam-se ameaçadores os ramos diabolicos, tremem os bufalos d'esses ignotos prodigios; ao longe dois velhos, de longas barbas alvejantes, esconjuram o firmamento, e invocam o auxilio das potencias infernaes, que adoram. Sorri-se Patricio da tentativa; a sua mão aberta estende-se, e logo cinco chammes celestes illuminam a escuridão da noite ficticia. Falla, e á sua voz dissipam-se as nuvens, cala-se o trovão, surge de novo o sol radiante no firmamento, cantam os passarinhos na folhagem, e o santo prosegue o seu caminho para a fonte de Klépath, onde as duas filhas do rei lavam como simples mortaes.

É uma scena da *Odysséa*, realçada por toda a suave poesia do christianismo. Patricio desce do carro e dirige-se para a fonte. O seu capuz branco, e a sua tunica de pello de cabra dão-lhe o aspecto d'um d'esses espiritos sobrenaturaes, com que a velha religião druidica povoa as montanhas, e que passaram para o christianismo nas azas da mythologia popular. As candidas meninas olham para elle com espanto:

— Quem és e d'onde vens? perguntam-lhe.

— Mais vos valia conhecer o meu Deus do que saber quem eu sou, responde o santo.

Então a mais velha pergunta:

— Quem é o vosso Deus? onde está elle? quem o adora? onde habita? No céu? ou na terra? no mar ou nos rios? nas montanhas ou nos valles? tem filhos e filhas? é rico? tem muito ouro e prata? Vive sempre? é formoso? tem muitas amas os seus herdeiros? são mais bellos os seus filhos do que os filhos dos homens? são mais bellas as suas filhas do que minha irmã e eu? como o podemos ver? como o podemos encontrar? são os moços ou os velhos que o acham? dissei-nos isto.

O santo velho, sorrindo-se das suas perguntas infantinas e da sua ingenuidade, respondeu á filha do rei:

«O meu Deus é o Deus de todos os homens, o Deus do céu e da terra, do mar e dos rios; é o Deus do sol e de todos os astros; é o Deus dos montes e dos valles. Habita no céu e acima do céu; ao céu e ao mar dá vida. Dá vida a tudo, anima tudo com um sopro; governa tudo, tudo conduz. É o meu Deus que, durante o dia, illumina o sol com a sua luz, é o que á noite ainda presta a sua luz á lua. Foi elle que fez brotar da terra arida as fontes, e no meio dos mares collocou as ilhas, que os mares não podem engolir. Foi elle que pôz as estrellas ao serviço dos homens; esse Deus, venho annunciar-vos o com confiança, e peço-vos que ouçais o que elle ensina. (1)

Não lembra esta scena algum d'aquelles formosos episodios da *Odysséa*, em que a simplicidade homérica se ostenta com toda a sua formosura? não dirieis que se entresacha com um episodio do poema grego um capitulo da Biblia, e que, junto do vulto da Nausica homérica, ap-

parece, na pessoa de S. Patricio, a imagem, ainda dulcificada pelo christianismo, d'algun patriarcha hebreu.

É que dá um encanto especial e original a esta lenda de S. Patricio. A poesia do christianismo nascente acha-se em contacto com a vetusta poesia das crencas druidicas; duas religiões, ambas viçosas, se embatem no solo verdejante da Irlanda. Triumpho, como de razão, a religião civilisadora mas sem destruir a outra, que tão enraizada se achava no espirito nacional, acolhe-a, recebe transformando-os os seus mythos, perfuma-se com a sua poesia nativa, beatifica as suas venerandas usanças, e ungiendo com o oleo santo as aureas cordas das harpas dos bardos, suspende-se depois nos tabernaculos. A musa d'Ossian, cingindo a fronte com as violetas sacras, murmurava, convertida, os psalmos sublimes, que David, o rei propheta, outr'ora exhalou dos labios frementes e convulsos.

(Continúa)

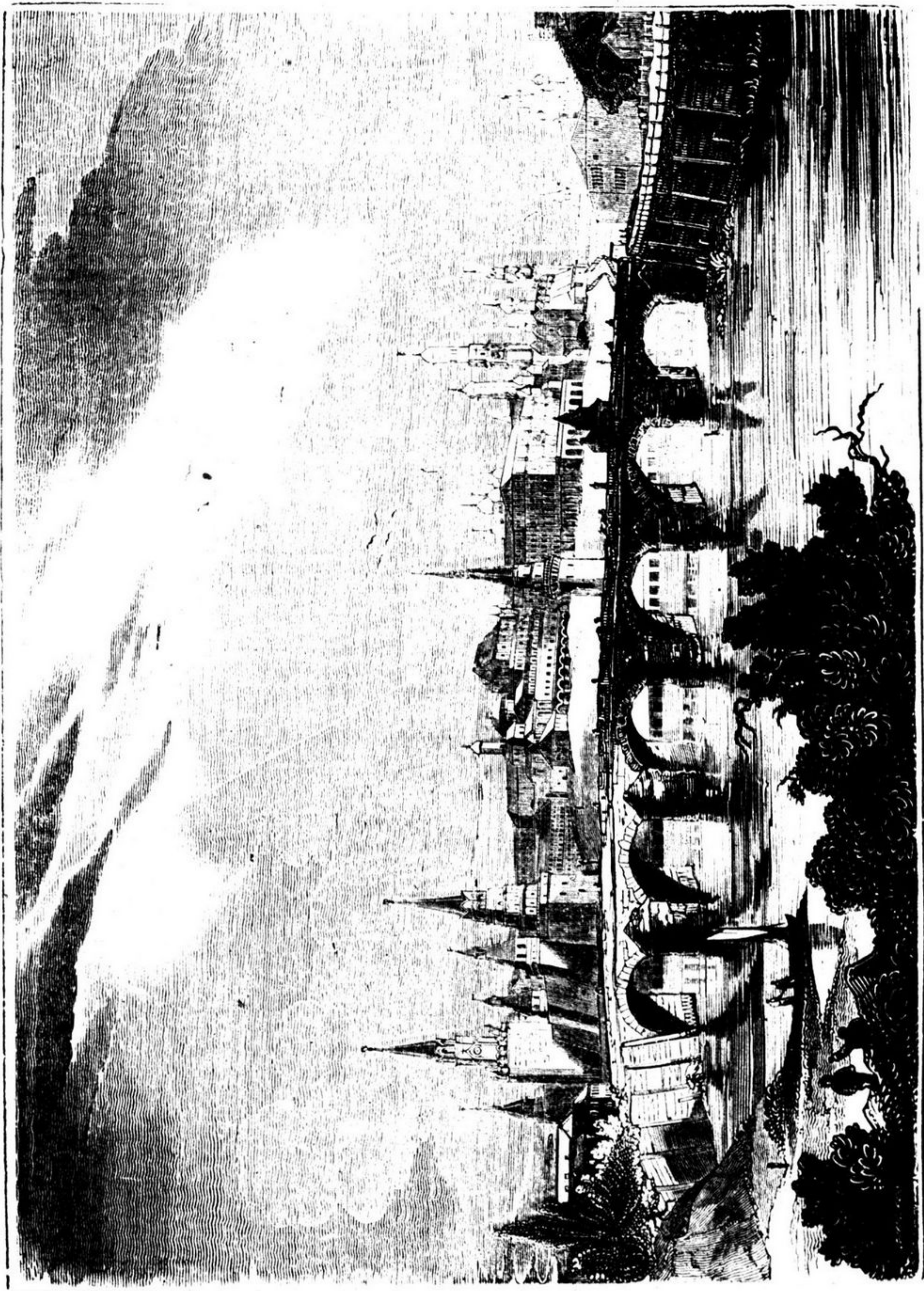
M. PINHEIRO CHAGAS.

PANORAMA DE MOSCOU

A cidade de Moscou foi fundada no seculo XII, por Georges, filho de Vladimir Monomacki, que a fez capital do seu ducado de Moscou, mudando a sede da realza, que foi até então na antiga cidade de Kiof. A circumstancia que deu lugar a esta mudanca tem o cunho d'aquelles seculos de barbarie. Stephen Kutchko, senhor cujo poder era egualado pela riqueza, possuia todo o districto bordado pelos rios Moskowa e Neglia. A sua immensa riqueza e o numero dos seus vassallos inspiraram-lhe uma orgulhosa independencia, que nem sempre soube dissimular em presença do seu soberano, e bem depressa a colera do principe se desenvolveu contra elle, e, sendo morto, confiscaram-lhe todos os bens, e formaram o centro d'esse vasto territorio, sobre o qual devia elevar-se a nova capital.

O fundador de Moscou não deu a esta cidade mais extensão que tem uma cidade moderna. Depois da sua morte foi abandonada, e cahiu em ruinas. No começo do seculo XIV, Daniel, duque de Moscovia, lançou os olhos sobre a cidade deserta, e os pantanos que a cercavam foram bem depressa transformados em bons edificios, egrejas e mosteiros, e fechada por uma muralha de madeira. Esta primeira fortificação abateu poucos annos depois e foi substituída então por uma muralha de pedra. O celebre Tamerlan apoderou-se d'esta cidade em 1382, e esteve sob o seu jugo durante algum tempo. Diversas hordas tartaras a conquistaram successivamente até aos fins do seculo XV. Pouco mais ou menos n'esta época, Ivan Vassilievitch I. libertou Moscou, assentou ali a capital do seu ducado, enriqueceu-a de novos edificios, alargou a sua area e deu-lhe o ospecto e a importancia de uma cidade real. Pela morte de seu irmão, Ivan subiu ao throno, e não querendo abandonar a sua residencia favorita, Moscou tornou-se a capital da Russia. Gosou d'esta preeminencia até ao principio do seculo XVIII. Pedro-o-Grande comprehendeu que esta cidade, sustentada apenas pelas riquezas dos senhores feudaes e o trabalho dos servos, não podia servir de emporio a uma nação tão atrasada, e que não podia che-

(1) Visconde de Villemarqué *Legende celtique* pag. 68.



Panorama de Moscovi

gar senão por meio de relações commerciaes ao estado de civilisação de que estava ainda tão longe.

Foi fundada a cidade de S. Peter-burgo e des-

de então! Moscovi deixou de ser a primeira cidade do imperio dos czares. Os cortezaos, os fabricantes, os negociantes e os militares precipitaram-se na nova capital, tão bem situada para preencher

o fim que Pedro-o-Grande se propunha attingir. Ainda que abandonada pelo commercio e pela corte, Moscou perdeu pouco do seu esplendor. Ficou ali esse corpo poderoso e immenso da antiga nobreza que não pôde supportar a idéa de deixar uma cidade, berço da grandeza nacional. Com elles ficaram necessariamente os vasallos e os artifices sahidos apenas da escravidão.

O IMPERADOR JULIANO

Flavius Claudius Julianus

Nous voudrions que l'histoire se bornât à condamner avec sévérité l'immense erreur dont Julien fut la victime volontaire, mais qu'elle ne se crût pas obligée comme autrefois de disputer au prince une à une ses incontestables vertus.

M. C. MARTHA.

Ha ainda quem creia, que está dito tudo a respeito do imperador Juliano, em se lhe dando o epitheto de apóstata, e em se descarregando sobre elle affrontas e injurias, para stigmatizar a sua apostasia.

E comtudo, se o imperador Juliano commetteu o grande erro de querer restaurar o paganismo, e de oppôr se á marcha irresistivel dos acontecimentos; se Juliano, em vez de purificar mais e mais a philosophia dos sabios que o precederam na Grecia e em Roma, se precipitou em praticas e doutrinas que a rasão condemna; se o imperador Juliano desconheceu o que havia de sublime na moral pura do christianismo: nem por isso deixou de ser um homem notavel por muitos titulos, que Plutarco, se depois d'elle visse, não desdenharia collocar nas fileiras dos seus *Varões illustres*.

Vamos esboçar a largos traços a historia d'este personagem; diremos depois duas palavras, acerca do papel que representou nas cousas de religião, e acerca dos seus escriptos.

Usando da franqueza costumada, e desejando sempre dar a cada um o que lhe pertence, diremos que n'este breve estudo temos diante de nós os seguintes subsidios:

Œuvres complètes de l'Empereur Julien, traduction nouvelle... par Eugène Talbot. Paris. 1863; — Montesquieu. Esprit des lois, e Considérations sur les causes de la grandeur des Romains et de leur décadence; — Voltaire. Dictionnaire Philosophique, etc.; M. C. Martha, L'empereur Julien et l'histoire de l'Eglise au IV^e siècle par M. Albert de Broglie, Chateaubriand, Études historiques.

— Nasceu Juliano em Constantinopola, a 6 de novembro do anno 331 da era christã.

Foi logo na infancia mandado (por ordem do imperador Constancio, seu tio) para Nicomedia, na Bithynia. Ali, quando chegou a idade do estudo, recebeu o ensino de dois mestres, Eusebio de Nicomedia, bispo, e o cunco Mardonius, scytha de nação. O primeiro d'aquelles mestres esforçou-se por encaminhar o moço principe para o estado ecclesiastico, favorecendo assim os designios de Constancio, que muito desejava ver morrer para o mundo um rival presumivel. Mardonius, homem instruido e honrado, pôz todo o esmero em formar o espirito do seu discipulo pelo modelo do espirito, das idéas e da moral dos gregos.

E na verdade, nos escriptos de Juliano encontram-se inequivocos testemunhos das duas diversas correntes de ensino: uma variedade immensa de noções, bebidas nas fontes mais puras da litteratura latina e grega; e por outro lado um conhecimento profundo dos livros santos. Dest'arte ficou Juliano habilitado para ser um escriptor habil, um theólogo erudito, um excellente estilista, e um valente athléta na polémica. — É muito de notar esta circumstancia, pois que explica perfeitamente o papel que Juliano representou depois nas suas tentativas em materia de religião, como veremos mais tarde.

Nos primeiros tempos viveu Juliano separado de seu irmão Gallo; mas depois mandou o imperador Constancio que um e outro fóssem residir na fortaleza de Macellum, perto do monte Argéo, nas visinhanças de Cesaréa.

N'aquella fortaleza, que n'este caso melhor chamariamos prisão, estavam os principes guardados por força militar, e vigiados com as mais severas precauções. Embora a natureza fósse bella em torno de Macellum, e nada faltasse aos principes em conforto e representação ostentosa, é certo que Juliano, ao ver-se rodeado de espias, e como que reduzido á escravidão, cahiria na rudeza de selvagem, se o estudo não viesse amenisar o seu character. Acostumou se, porém, a concentrar-se em si mesmo, a fortificar a vontade, a dominar os impetos, e a desconfiar dos homens. Como era natural, creou aversão ao contrangimento, á privação da liberdade; tornou-se reservado; mas conservou-se casto, modesto, e maiormente apaixonado pelo estudo. Engolphou-se na leitura, exercitando a sua poderosa intelligencia e memoria admiravel no estudo da grammatica, da rhetorica, da historia, da poesia, das sciencias naturaes, da philosophia.

Ao lado, porém, d'estas gostosas applicações, era o moço principe constrangido á observancia das praticas religiosas, jejuns, officios, e devoções diversas do culto Christão; sendo-lhe tudo imposto como obrigação rigorosa, por ordem de Constancio; e tanto bastou para gravar impressões desagradaveis no seu espirito independente, que mais tarde o incitaram a envolver na mesma repugnancia o dogma, o culto, a disciplina da Igreja.

Mais de seis annos durou o triste e penoso encerramento na fortaleza de Macellum. No cabo do longo periodo foi-lhe permittido voltar a Constantinopola. Ali correu perigo a sua vida, por effeito de enredos da politica, e só foi salvo pela protecção da formosa imperatriz Eusébia, esposa em segundas nupcias de Constancio. Juliano grangeou tornar-se popular em Constantinopola; em breve pagou essa *fatalidade*, pois que não tardou em receber ordem de Constancio para sahir da corte, aliás com permissão de escolher o logar da residencia. Juliano escolhe a cidade de Nicomedia; passou d'ali a Pergamo e a outras cidades, até que em Epheso, no templo de Diana, se inicia nos segredos dos mysterios extaticos, abjura o christianismo, vota-se ao culto de Mithra, e toma como deus supremo o sol...

Aberração deploravel de um espirito aliás cultivado! A força de violencias, á força de amargurados lances — porque o fizeram passar o supersticioso despotismo e o mal disfarçado ciume de Constancio, — precipitou-se Juliano em prati-

cas mysteriosas, em ritos absurdos, que a esse tempo mais não era possível restabelecer!

— Parêmos aqui por hoje. No artigo immediato acompanharemos Juliano a Athenas, onde o veremos travar relações com dois mancebos, que mais tarde fôrão o ornamento da Igreja.

JOSE SILVESTRÉ BRILHO.

MARTYR DE AMOR!

XII

(Continuação de pag. 392)

Corria n'este ponto animada e insinuante a conversa, quando a criada, dedicada e intima de Lucia, veio trazer-lhe uma carta que o joven aspirante de marinha acabava de lhe entregar para ella.

Eram contiguos e de facil accesso os quintaes que limitavam as casas das duas familias, e a-travez do muro, mais d'uma vez o moço namorado commettera á louca creadinha eguaes incumbencias.

Sobresaltou se D. Henriqueta, receiosa de alguma nova extravagancia do genio desvairado do amigo de seu marido, e mais lhe cresceu o sobresalto quando soletrou na physionomia de Lucia a desfavoravel impressáo que lhe causára a leitura da missiva.

— Vê? disse esta, mal concluiu. É sempre o mesmo. Leia e ria se.

— O que é?

— Decididamente é impossivel fazer a minha cathechese!

D. Henriqueta lia alto o seguinte:

«Jurou matar-me, Lucia. Obedeco á sua sentença! Quando, fidente de esperanza, a procurei hoje, para pedir-lhe uma esmola de amor, só teve para dar-me, como sempre, farto quinhão de desdem. A vida assim é insupportavel. Namora-me o descanso do tumulo! Assim o quer! Não lhe pese o remorso, que não é culpa sua, mas fragilidade minha, o não poder viver sem um amor que não tem para me dar. Quero morrer bem perto de si. Espero uma palavra de salvacáo até ás 11 horas. Quando ellas soarem transporei o muro do seu quintal e debaixo da sua janella exhalarei o derradeiro suspiro, redizendo com elle o seu nome adorado.— *Claudio.*»

— Que me diz a isto, D. Henriqueta?

— Que está louco o pobre moço.

— Ou que se quer rir á minha custa. Temos a scena do mirante de Cascaes, ou da *Bocca do inferno!* Terceiro acto da comedia!

— E se um dia fôsse séria aquella resoluçáo?

— Pois acredita?

— Eu sei!

— Se a não respeitasse tanto dizia que conspirava com elle para surpreender a minha credulidade.

— Era injusta.

— Bem sei e não ousou dizel-o; mas tambem não compreendo como v. ex.^a tem coragem para o defender depois dos documentos que elle exhibiu.

— Não devemos continuar n'este assumpto, D. Lucia, levar-nos-ia a conclusões desagradaveis; quando não dir-lhe ia porque receio que um

dia o desalento do pobre moço venca n'elle o natural horror do aniquilamento, que deseja, mas que não tem animo de levar a cabo.

— Nesse caso é ridiculo.

Sera, não o nego, mas nem por isso é menos apaixonado.

Lucia fez um gesto de desdem.

A sua amiga olhou instinctivamente para o relógio, com um anccio mal escondido. Marcava dez horas e meia.

— Socegue, disse Lucia. Faltam ainda trinta minutos para a comedia.

Henriqueta queria retirar se. A sua amiga não o consentiu, sob pretexto, dizia ella, de a acompanhar a tir d'aquelle annunciado sacrificio! O genio galhofeiro de Lucia voltava com todo o seu esplendor e o seu cortejo de gargalhadas. D. Henriqueta conservou-se silenciosa.

O ponteiro corria inexoravelmente. Os ultimos dez minutos foram de ansiedade para ambas. O scepticismo da gentil menina não era tao radicado que a conservasse indifferente até ao derradeiro segundo. Quando a soluçáo pendia de dois minutos apenas, sentiu-se bater á porta inesperadamente. As duas senhoras estremeceram por um impulso involuntario. A voz de Christovam, com o seu accento habitualmente jovial, ia apenas aserenal-as do sobresalto, quando uma detonacáo e um gemido se fez ouvir do lado do jardim.

Lucia sentiu vergarem lhe as pernas e correr-lhe uma nuvem por diante dos olhos. Era ficticia toda aquella sua indifferença: no intimo era mulher. D. Henriqueta correu á janella e viu, á luz do luar que banhava em jorros as ruas do jardim, um vulto prostrado por terra. As portas do andar terreo abriram-se e toda a familia corria em tropel. A esposa de Christovam soltou um grito. Lucia, que caíra quasi desanimada sobre uma cadeira, ergueu frouxamente a cabeça, exclamando:

— Bem m'o dizia, Henriqueta. Fui eu que o matei!

A resposta, se a houve, ficou pegada na garganta da sua interlocutora.

D. Henriqueta dirigia-se já para o jardim, quando Lucia bradou com um esforço heroico:

— Eu vou tambem!

E, com passo vacilante, pôz-se a acompanhar a sua amiga.

Chegadas á sala de jantar, no pavimento inferior, viram o doloroso espectaculo do mancebo, já recolhido por Christovam que se associara á familia, — perdido de todo o alento, com as faces sem vida e o sangue tingindo o peito esquerdo onde a fardeta estava despedaçada.

— Morto! exclamou Lucia, empallidecendo como se ella propria fôsse um cadaver.

A familia da menina, que vira indifferente todo o seguimento d'este namoro, em que não achava significacáo alguma, compreendia bem agora aquelle enigma, sem precisar de explicações, inopportunas na occasião.

Christovam prestava os primeiros soccorros, examinando o ferimento tanto como alcançavam os seus conhecimentos genericos. Abriu as roupas e viu-as queimadas pela detonacáo, que commettera as carnes do peito e da parte interna do braço, d'onde egualmente corria sangue sufficiente para atterrar as senhoras; examinou o

peito e não lhe pareceu que a bala houvesse mais do que roçado superficialmente pela epiderme, fazendo um sulco sangrento na parte externa do thorax. Isto reanimou-o, e nos labios vislumbrou-lhe um sorriso, que só sua mulher compreendeu, e que a encheu de coragem também.

— Coitadinho! mesmo sobre o coração! exclamava uma criada velha! Sae-te demonio! Os rapazes juraram todos dar cabo de si! Loucuras! loucuras da pouca idade.

E olhava de soslaio para a sua joven ama, ainda não inteiramente fornada a si do terror que lhe paralyzára os membros.

— Não! Lá este escolheu bem o sitio! Deu a segurar! Coitadinho! dizia a cosinheira, limpando uma lagrima duvidosa á ponta do avental.

— Aqui está a bala! exclamou um dos criados, vindo triumphantemente do jardim, onde fôra estudar a cõr local do attentado. Derrubou a parede toda no sitio onde bateu e por isso é que eu dei com ella!

— Então atravessou-o de lado a lado, exclamou a velha.

— É isso! saiu-lhe pelas costas, acrescentou a cosinheira. É homem perdido.

A familia de Lucia, no excesso da sua angustia, não sabia que dizer, e o creado da meza tinha corrido apressadamente a chamar um cirurgião.

Só Christovam não partilhava completamente da anciedade geral; e sua mulher, lendo-lhe nos olhos o pensamento, dirigiu-lhe, no olhar também, uma muda supplica, a que elle na mesma linguagem respondeu satisfactoriamente.

O moco voltou a si. Abriu os olhos, tímido e envergonhado, ao mesmo tempo, mas aquella atmospherá que o cercava diffundi-lhe na alma a luz de intimo prazer!

— Vive ainda! exclamou a criada velha.

— Hum! resmungou a cosinheira: por pouco será! Aquillo é mortal.

Claudio exhalou um gemido.

(Continúa)

C. B.

FLORILEGIO CLASSICO

Os Templarios no cerco de Alcazer

Toda a cavallaria christan não passava de trezentos homens: mas n'essa noite chegaram ao campo, não só excellente peonagem, forte e bem armada, mas tambem o mestre do Templo, Pedro Alvitiz, com os seus freires, os hospitalarios, e muitos fidalgos de Portugal e de Leão. Eram ao todo quinhentos cavalleiros, a que se devem ajuntar os homens d'armas que costumava trazer consigo ás batalhas cada rico-homem ou infanção. Cobraram assim animo os Cruzados para proseguir no cerco, e os portuguezes prepararam-se para combater os Sarracenos, que pretendiam fazel-o acabar.

Havia quasi mez e meio que Alcazer estava sitiada. A vinda das tropas do Andaluz fôra a 10 de Setembro, e os auxiliares christãos haviam chegado ao campo, como dissemos, n'essa mesma noite. Na madrugada do dia onze os trezentos cavallos, que desde o principio tinham assistido ao assedio, sahiram como exploradores, e aproximaram-se dos arraiaes mussulmanos. Observaram tudo: por uma grande distancia o solo

desapparecera cuberto da multidão dos infieis. Percebêram estes a cavallaria que os atalaiava, e levantando o clamor de combate correram a perseguil-a. Esperaram-nos a pé firme os valentes homens d'armas, e ali mesmo se travou uma brava escaramuça. Não podia ser duvidoso o resultado: eram um contra cem. Os cavalleiros portuguezes foram obrigados a recuar. Lançando os escudos ás costas para se ampararem dos golpes e tiros dos sarracenos, vieram á redea solia precipitar-se no acampamento, perseguidos pelo exercito inimigo, que immediatamente marchára. Entretanto os quinhentos, chegados n'essa noite, mentavam a cavallo, e vendo aproximar os sarracenos preparam-se para romper a batalha. Deviam ser na maior parte templarios, por que esta ordem era talvez a mais numerosa de todas, e por que debaixo do mando do mestre dos tres reinos de Hespanha, Pedro Alvitiz, ahi se achavam reunidos aos freires de Portugal muitos de Leão e Castella. A severa disciplina da ordem, as solemnidades com que entravam nas batalhas produziám necessariamente o entusiasmo n'esses animos em geral esforçados, e n'aquelles que os viam a seu lado. Os esquadões do Templo, ao formarem-se para a batalha guardavam profundo silencio, que só era cortado pelo ciciar do balsão bicolor (negro e branco) que os guiava despregado ao vento, e dos longos e alvos mantos dos cavalleiros que se agitavam. A voz do mestre um trombeta dava o signal do combate, e os freires, erguendo os olhos ao ceo, entoavam o hymno de David: *Não a nós, Senhor, não a nós! mas dá gloria ao teu nome!* — Então, abaixando as lanças e esporeando os ginetes, arrojavam-se ao inimigo, como a tempestade involtos em turbilhões de pó. Primeiros no ferir, eram os ultimos em retirar-se quando assim lh'o ordenavam. Despresando os combates singulares, preferiam acommetter as columnas cerradas, e para elles não havia recuar: ou as dispersavam, ou morriam. A morte era, de feito, mais bella para o templario, que a vida comprada com a covardia. Bastava que não attingisse ao typo de valor humano, como os velhos guerreiros da ordem o concebiam, para ser punido por fraco. A cruz vermelha, distinctivo da corporação, com o manto branco sobre que estava bordada, tirava-se-lhe ignominiosamente, e elle ficava separado de seus irmãos como um empestado. Obrigavam-no a comer sobre o chão nú: não lhe era licito o desforço das injurias, e nem sequer castigar um cão que o maltractasse. Só depois de um anno, se o capitulo julgava a culpa expiada, o desgraçado cingia de novo o cingulo militar, para ir, talvez, na primeira batalha afogar no proprio sangue a memoria de um anno de affrontas e de supplicio.

(A. Herculano. *Historia de Portugal*. Tomo II. Livro 4.º Pag. 200 a 202.)

A colera é um delirio.

Um homem bom é nobre.

O máo é infeliz ainda mesmo na felicidade.

Typ. Franco-Portugueza — Rua do Thesouro Velho n.º 6.